Parte 2 – Facebook: usos no ensino superior e na formação continuada de professores

Facebook na formação contínua de professores para o uso de tecnologias digitais

Lilian Moreira
Altina Ramos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MOREIRA, L., and RAMOS, A. Facebook na formação contínua de professores para o uso de tecnologias digitais. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação*: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 313-328. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Facebook na formação contínua de professores para o uso de tecnologias digitais

Lilian Moreira

Altina Ramos

Introdução

O desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação criou a possibilidade de diversificar os meios e os momentos de formação, nomeadamente pelas potencialidades das redes sociais que possibilitam a criação de grupos de interesse e grupos de aprendizagem, traduzindo-se em aprendizagens informais, colaborativas e interativas.

Todavia, muitos dos educadores de infância e professores do primeiro ciclo do Ensino Básico que, atualmente, se encontram a dar aulas, durante a sua formação inicial não tiveram qualquer tipo de formação para a utilização pedagógica das TIC. Assim, se não conhecem, se não sabem utilizar as TIC, não poderão ajudar os seus alunos a utilizá-las e muito menos integrá-las na prática pedagógica.

Neste contexto, realizamos um curso de formação contínua de professores em tecnologia educativa com componente presencial e online através de um grupo Facebook. O Facebook foi

perspectivado não só um espaço de resolução de problemas técnicos, de partilha de trabalhos produzidos durante a formação presencial, mas também um meio de desenvolver o pensamento reflexivo e crítico sobre o trabalho desenvolvido.

Este artigo apresenta um estudo, sob forma de estudo de caso, baseado na componente online dessa formação desenvolvida para educadores de infância e professores do primeiro ciclo do Ensino Básico.

Os resultados indicam que o uso do Facebook como complemento da formação presencial contribuiu para a apropriação, ainda que paulatinamente e de forma progressiva, das tecnologias, por parte dos formandos-professores, para perderem alguns “medos”; para partilharem dúvidas, ideias e materiais e para discutirem os problemas emergentes da gestão da sala de aula, inclusivamente as suas relações de saber e de poder, que se manifestam quando se assume o “risco” e a “imprevisibilidade” de inovar utilizando um novo saber tecnológico.

Enquadramento teórico

As tic na educação em Portugal

Para promover a formação em TIC, ocorreram em Portugal, desde meados dos anos 1980 do século passado, diversas iniciativas, nomeadamente o *Plano Tecnológico da Educação*, instituído pela resolução do Conselho de Ministros nº 137/2007, que pretendia o

desenvolvimento da integração curricular das TIC nos ensinios básicos e secundário, a promoção e dinamização do uso dos computadores, de redes e da internet nas escolas; a concepção, produção e disponibilização dos recursos educativos digitais e orientação

e acompanhamento da atividade de apoio às escolas que era desenvolvida pelos Centros de Competências em Tecnologias Educativas e pelos Centros TIC de Apoio Regional. (DESPACHO nº 18871/2008).

No âmbito do *Plano Tecnológico*, efetuaram-se, ao longo dos últimos anos, enormes investimentos financeiros no apetrechamento da maior parte das escolas com os mais diversificados recursos tecnológicos, tendo como objetivo a massificação do acesso de professores e alunos a um vasto conjunto de equipamentos, tecnologias e Internet de banda larga, potenciando-se sinergias até aqui nunca alcançadas.

Paralelamente, revelou-se consensual a percepção de que a formação dos professores assumiria um papel fundamental e uma condição *sine qua non* para a sua efetiva utilização em contexto de sala de aula, com objetivos de promoção e desenvolvimento das aprendizagens dos alunos. No 1º ciclo do Ensino Básico. A iniciativa “e-escolinha” permitiu a generalização do acesso às TIC pelos alunos, bem como a criação de condições para a sua plena integração nas práticas letivas, entre elas a implementação de redes wireless de acesso à internet.

Segundo Brito, Duarte & Baía (2004), a formação contínua de professores para o uso das Tecnologia, subdivide-se basicamente em duas:

- a da alfabetização informática, em que os professores contactam basicamente com as ferramentas do Office e com outros produtos de concepção de software multimédia;
- a da integração curricular (disciplinar ou interdisciplinar) que parte dos problemas emergentes do quotidiano profissional, da epistemologia de cada disciplina e/ou das

suas didáticas e procura aí, contextualizar o uso de ferramentas computacionais específicas para as diferentes áreas do saber, nas Novas Áreas Curriculares (NAC) não disciplinares ou noutros espaços pedagógicos da escola como os Laboratórios, os Clubes, as Salas de Estudo ou os Centros de Recursos. (BRITO, DUARTE & BAÍA, 2004, p. 8).

Neste trabalho tivemos em consideração a segunda perspectiva, pois consideramos não só o facto de haver apoio e trabalho colaborativo entre os professores na escola, mas também através do grupo do Facebook que foi criado propositadamente para tal, pois tinha o intuito de propiciar o intercâmbio entre as colegas de diversas escolas, soluções de problemas técnicos, dissipação de dúvidas e partilha de materiais entre todos os formandos.

As redes sociais e a formação de professores

Quem, nos dias de hoje, não tem uma conta no Facebook? Quem não tem um registo de perfil nesta rede social corre o risco de ser considerado uma pessoa “excluída da sociedade”. É do conhecimento público que o Facebook é a segunda página web mais visitada do mundo, sendo o Google a primeira. O Facebook é a empresa de maior crescimento da história, e no final de 2010, tinha mais de 400 milhões de membros ativos, ou seja, 20% dos utilizadores da internet possuem uma conta nesta rede social. E a empresa continua a crescer 5% por mês (KIRKPATRICK, 2011).

Mas o que é o Facebook? Atualmente, é a rede social mais visitada em todo o mundo. Essa rede social continua a ser uma forma não só de ter um perfil pessoal, mas também um meio de partilhar fotos, vídeos, mensagens e outros ficheiros. No Facebook, também, é permitido criar grupos fechados que funcionam como uma sala virtual privada, onde todos podem interagir através de mensagens

escritas, de áudio, vídeo e/ou imagens. Tais grupos possibilitam o diálogo e o intercâmbio. Sabemos que tanto a rede social quanto os grupos dentro da rede podem ser usados de forma indevida, mas, por outro lado, também, podem ser utilizados para aprender, aprender a fazer, conhecer, desenvolver a linguagem escrita, entre outros.

Segundo Silva Filho (2010), o Facebook é o serviço de rede social que mais conquistou novos utilizadores nos últimos anos. Além do aumento de utilizadores, o tempo de conexão a esta rede também aumentou. O mesmo autor afirma que “as tecnologias permitem a colaboração entre as pessoas, além de propiciarem intensa troca de informações e experiências, novas descobertas e compartilhamento de opiniões” (SILVA FILHO, 2010, p. 68). A troca de opiniões acontece de forma não hierarquizada nos grupos do Facebook; esta interação pode acontecer de pessoa para pessoa e de pessoa para o grupo.

Para Dias (2001, p. 1),

é a partir das interações realizadas na comunidade, que estes ambientes de comunicação promovem o desenvolvimento de competências de gestão dos processos individuais e colaborativos de aprendizagem, bem como o acesso às representações de conhecimento partilhadas pela comunidade.

Desta forma, as pessoas, quando estão conectadas à internet e especificamente às redes sociais para interagir com outras pessoas, não poderão trocar experiências e também refletir um pouco sobre a sua prática pedagógica? Destarte, o papel do investigador seria o de moderar discussões e momentos de reflexão sobre a prática docente, envolver os formandos no grupo para serem coparticipantes na criação de um grupo reflexivo para que se possa efetivar momentos de partilha, não apenas de conteúdos, mas também de reflexões.

Pensando nisso, decidimos utilizar o Facebook durante uma oficina de formação contínua de professores e educadores, uma vez que precisávamos de uma plataforma que englobasse os textos produzidos, ficheiros de áudio, imagem e vídeo e em simultâneo propiciasse o trabalho colaborativo e reflexivo entre pares (Schön, 1997; Nóvoa, 1997; Turkle, 1997).

Enquadramento prático

A ação de formação contínua

A oficina de formação, denominada “Ensinar e aprender com tecnologias no Ensino Básico: formação, intervenção e interação online”, teve como objetivo formar professores para o efetivo uso educativo de tecnologias digitais no Ensino Básico, pela via da criação, aplicação, avaliação e partilha de objetos de aprendizagem digitais. Quisemos que os formandos experimentassem as novas rotinas de aprendizagem, de concepção, de participação a fim de gerar, de forma colaborativa, a construção de novos conhecimentos. Segundo Castells (1996, p. 119), “as novas redes de comunicação têm uma dimensão cultural própria que transformaram a natureza da comunicação de forma colossal, cujo principal fomentador foi a Internet”.

Os formandos frequentaram a formação presencial e, simultaneamente, foram acompanhados num grupo fechado do Facebook. O grupo foi utilizado pelos formandos para esclarecer as suas dúvidas, discutir e partilhar ideias e estimular momentos de reflexão por meio da interação online, propiciando, assim, uma pequena comunidade de aprendizagem online.

Criar um grupo no Facebook pareceu-nos ser não só uma forma de integração, mas também um elemento facilitador para os professores que poderiam utilizar esta ferramenta pela primeira vez como estratégia de aprendizagem e de formação. Outro fator

que nos levou a escolher especificamente esta rede social foi o facto de atenuar a distância entre formador-formando, formando-formando e, ainda, pelo facto dos trabalhos produzidos estarem disponíveis, também, para todos os formandos e não apenas para o formando-formador. Pensamos, ainda, que esta rede seria uma forma de mediar não apenas as relações pessoais e interpessoais, mas principalmente a construção de novos conhecimentos de forma colaborativa e partilhada entre todos os participantes da ação de formação que adiante apresentamos.

Segundo Turkle (1997) o facto de as pessoas estarem conectadas implica que elas tenham uma atitude mais reflexiva e interativa visto que há sempre mudanças de atitudes e comportamentos na rede. No grupo, pretendíamos que os formandos participassem, que partilhassem e isso fez com que o mesmo estivesse sempre em movimento, havia sempre algo novo para ver, ouvir e/ou comentar.

Metodologia

Desenho do estudo

O estudo foi de natureza qualitativa, Estudo de Caso, centrado num grupo de professores do 1CEB e educadores de infância de um Agrupamento de Escolas de Braga.

O Estudo de Caso tem sido uma das orientações metodológicas mais utilizadas nas investigações na área da Educação. Ponte (1994) refere que o Estudo de Caso tem duas funções, a “descritiva” e a “analítica”; e Merriam (citada em GOMEZ, FLORES & JIMÈNEZ, 1996, p. 92) acrescenta uma terceira, além de descrever, interpretar: avaliar. Por último, numa tentativa de síntese das diversas e por vezes contraditórias posições acerca desta questão, Gomez, Flores & Jimenez (1996, p. 99) concluem que, afinal, os objetivos que orientam um estudo de caso podem ser em tudo coincidentes

com os da investigação educativa em geral: “explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar”.

Amostra

A nossa amostra está centrada nos educadores e professores do primeiro ciclo do ensino básico que participaram na formação. Tentamos que a amostra fosse representativa da população (AIRES, 2011; BRAVO, 1998) do corpo docente de um Agrupamento de Escolas de Braga.

Recolha de dados

Toda a investigação, independentemente do seu cariz quantitativo, qualitativo ou misto, compromete o investigador a fazer uma recolha de dados original (COUTINHO, 2011). Assim, todos os dados utilizados nesse estudo foram recolhidos, organizados e analisados pela primeira autora.

Os nossos dados são qualitativos. A principal fonte de dados são os registos eletrónicos das interações no grupo do Facebook. Recorremos, também, a observação-participante e notas de campo durante as sessões presenciais de formação, dados que nos ajudaram a melhor compreender os dados recolhidos online.

Os dados foram recolhidos diretamente da página do Facebook através do plug-in *N-Capture* associado ao NVivo10. Depois foram importados para o NVivo10 onde foram tratados e analisados. Com isso, conseguimos minimizar a maioria dos problemas associados à transcrição de dados, nomeadamente rigor e dispêndio de tempo (GIBBS, 2009).

Foi importante a participação ativa do investigador dentro do grupo, pois permitiu maior riqueza na descrição e interpretação dos factos, apesar de correr o risco da subjetividade inerente a esse processo.

O terceiro instrumento utilizado durante esta pesquisa, foram as anotações de campo realizadas dentro do ambiente de pesquisa. Essas anotações de campo são

notas mentais (para ajudar a lembrar de quem, o que, por que, quando, onde, etc.) e podem ser produzidas enquanto ainda se está em campo ou imediatamente após sair dele, para registrar palavras, frases ou ações, fundamentais de pessoas em investigação. (GIBBS, 2009, p. 46).

Análise dos dados

A análise de conteúdo dos dados recolhidos, dentro do grupo do Facebook, desenvolveu-se de acordo com as fases propostas por Bardin (1979, p. 95) “a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação”.

Na fase de pré-análise dos dados. Nele escolhemos o material a ser analisado, formulamos as categorias de análise e identificamos indicadores que pudessem fundamentar a nossa interpretação final.

Feita a importação dos dados, o passo seguinte foi começar a criar as categorias que emergiam dos *posts* dos professores no grupo. A categorização foi submetida e resubmetida ao sacordos de juízes tendo daí resultado as categorias e subcategorias que são apresentados a seguir:

Quadro 1 – Categorias e subcategorias da presente pesquisa

O papel do Facebook durante a ação de formação	
Categoria	Subcategorias
1 – O Facebook como ferramenta de comunicação.	1.1 – Partilha de materiais entre formadores e formandos.
	1.2 – Partilha de materiais entre formandos.
2 – Privacidade no grupo do Facebook.	
3 – O Facebook como um recurso de ajuda.	3.1 – Livre acesso aos materiais em qualquer lugar e a qualquer hora.
	3.2 – Dúvidas respondidas a qualquer momento.
	3.3 – O grupo do Facebook é visto como um local de inter-ajuda entre todos.
4 – O Facebook como meio de interação entre os seus membros.	4.1 – Interação social.
	4.2 – Interação para a aprendizagem.
	4.3 – Interação para suporte técnico.
5 – O Facebook e o modelo TPACK na formação de professores	5.1 – Desenvolver competências tecnológicas.
	5.2 – Desenvolver competências pedagógicas.
	5.3 – Desenvolver competências conteúdos.
	5.4 – Reflexão sobre a prática.
	5.5 – Competência tecnológica, pedagógica e de conteúdo.

Fonte: Quadro elaborado pelos pesquisadores

Resultados

Neste ponto, e por limitação de espaço característico deste tipo de publicação, não podemos apresentar a análise de dados detalhada e respectiva evidência em que nos baseamos. Fazemos, pois, uma síntese dos resultados obtidos. O texto integral estará em breve disponível no RepositoriUM da Universidade do Minho-Portugal.

O Facebook foi utilizado como recurso e como estratégia de interação entre formandos e formandos e formadores. Podemos dizer que, vencido o medo inicial da maioria dos formandos em

criar uma conta na respetiva rede social, aos poucos houve a integração de cada formando dentro do grupo. Foi unânime entre os formandos que a opção de escolhermos o Facebook foi a mais acertada, visto poder criar um grupo privado que comportasse todos os tipos de ficheiros para a partilha.

E como alguns autores afirmam (COSTA, 2012; KOZMA, 2003; PERALTA & COSTA, 2007; PONTE, 2000) para estes, o discurso ainda se distancia da prática. Na tentativa de atenuar essa resistência, procuramos responder às necessidades dos professores, adequar a formação aos recursos existentes, utilizar softwares livres, dar suporte técnico quase que 24 horas/dia, muita experimentação e utilização dos *software* nas aulas presenciais. No grupo criamos momentos de reflexão sobre a prática pedagógica, os conteúdos e o uso das novas tecnologias como meio para a partilha sucessos e insucessos no uso educativo das TIC ajudando os professores a encontrar respostas para problemas que tivessem na sua prática.

Este apoio técnico e pedagógico foi importante, visto que, normalmente, os professores reclamam da falta de apoio na sala de aula quando vão tentar aplicar o que aprenderam nas formações, muitos dizem sentir-se desamparados. Nesta formação isso não aconteceu e foi um dos aspetos mais elogiados pelos formandos (AMANTE, 2007; GUSKEY, 2002; ZHAO, PUGH, SHELDON & BYERS, 2002).

Em relação ao processo de aproximação dos formandos dentro do grupo do Facebook aconteceu através das suas intervenções online. Pudemos constatar que num primeiro momento os formandos só interagiram socialmente, muitos inclusivamente pelo *chat*; depois, a pedido dos formadores, essa interação social passou a efetuar-se dentro do grupo elogiando, por exemplo, o trabalho do colega. Com o passar das sessões os formandos foram começando a participar, dando sugestões aos colegas, colocando dúvidas e a partir daí começaram a opinar de forma mais técnica, a colocar dicas para os colegas durante a realização dos seus trabalhos.

Por decisão dos formadores foram colocadas algumas questões que levavam à reflexão dentro do grupo sobre o uso das TIC em sala de aula. Reparamos que a grande maioria usou de subterfúgios para não responder à pergunta, ou ainda, para justificar o porquê de não usarem as TIC em sala de aula. Um desses exemplos aconteceu quando demos uma situação hipotética de uma sala de aula com tudo em perfeitas condições e o professor não usava as TIC e queríamos saber o por que. A maioria justificou dizendo que não usavam porque na escola não havia tecnologias. Mesmo depois de termos repetido que a escola tinha todos os recursos, formação e inclusivamente apoio técnico, excluindo assim essas justificações, os formandos não responderam a questão denotando, a nosso ver, falta de estudo e de experiência acerca do uso educativos das TIC.

Os membros partiram de um interesse comum e participaram trocando informações, melhorando as práticas, ajudando a solucionar problemas, buscando soluções para algum problema, analisando factos, propostas ou situações concretas colocadas por algum membro da comunidade.

Alguns formandos encontravam-se para fazer, de forma colaborativa, os trabalhos semanais em grupo, cada um ajudava o outro com o que sabia, opinando, analisando e tentando tirar as dúvidas uns dos outros. Quando em grupo não conseguiam resolver algum problema, um dos formandos *postava* no grupo a dúvida e quando alguém respondia não estava a responder apenas ao formando que a colocou, mas ao seu grupo de trabalho.

No que se refere ao desenvolvimento de cada formando dentro do grupo podemos verificar que passaram por cinco etapas: *acesso e motivação* (criar o seu perfil, definir definições de privacidade, inserir uma imagem de perfil, saber postar, comentar, colocar gosto), *socIALIZAÇÃO online* (aprender a usar o chat, entrar no grupo e falar dentro do grupo), *troca de informação* (a troca de informação deu-se com os tutoriais, informação de como fizeram os trabalhos que estavam postando, informar os colegas onde obter o software necessário para ver algum trabalho), *construção do conhecimento e desenvolvimento*

(ensinar a compactar um ficheiro, ao tirarem as dúvidas dos colegas, ao colocarem conteúdos que outros colegas podiam usar, ao analisarem o trabalho do colega, ao refletirem sobre a prática pedagógica) (PERES & PIMENTA, 2011; SALMOM, 2005).

A partilha de materiais, conhecimentos e de experiências dentro do grupo foi essencial, pois compreendeu o processo de construção de um novo saber comum a todos os formandos. Todos participaram ao criar, sugerir, ajudar, solucionar problemas, partilhar materiais, comentar e interagir com os outros formandos e com os formadores. Isso fez com que existisse um espírito de entreajuda entre todos, na partilha de materiais, ideias, comentários, opiniões onde o saber individual se fundiu com o saber do grupo e todos tiveram acesso ao saber uns dos outros. Tentamos que os formandos pudessem refletir sobre o novo conhecimento, testar as hipóteses criadas e concluir se de facto tinha havido novas aprendizagens que se refletissem na prática pedagógica (DIAS, 2001; DIAS, 2008; SPIRO, FELTOVIC, JACOBSON & COUSON, 1995; WENGER 2007).

Acreditamos que, para que esta etapa pudesse ter-se desenvolvido ainda mais, a formação deveria ter sido mais longa. A nossa formação aconteceu durante os meses de fevereiro, março e abril, os formandos tiveram pouco tempo para a realização de tarefas mais complexas que alguns até se propuseram fazer. Sabemos que o ideal era que as sessões acontecessem de 15 em 15 dias (e não semanalmente como foi o nosso caso), pois desta forma os formandos teriam mais tempo para elaborarem os seus trabalhos, haveria mais tempo para a discussão de cada uma das atividades propostas.

Após o término da formação, sabemos que os formandos utilizaram as tecnologias noutros trabalhos dentro da sala de aula.

A avaliação da ação de formação “Ensinar e Aprender com Tecnologias no Ensino Básico – Formação, Intervenção e Interação Online”, feita pelos formandos assim como as nossas observações sobre o impacto nas suas práticas, veio mostrar que o facto de a formação ter valorizado muito a vertente prática e experimental se refletiu no contexto real de sala de aula já que muitos dos

formandos as usaram efetivamente com as crianças. Com efeito, a formação permitiu que estudassem o uso técnico e pedagógico de diversas ferramentas digitais e aplicabilidade e pensassem na possibilidade de colocar tais ferramentas nas mãos dos próprios alunos.

Concluimos, portanto, que o Facebook, durante a Formação Contínua em Tecnologia Educativa para os Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico foi valorizado pelos professores como um diferencial das outras formações que eles já haviam feito tendo sido um suporte de partilha de materiais e um estímulo à interação entre os formandos e entre estes e os formadores. Porém, ressaltamos que, como dizem Paraskeva e Oliveira (2006), nenhum ensino à distância poderá ser substituído pelo ensino presencial.

O discurso dos formandos evidencia que estes estão conscientes dos grandes desafios que a sociedade do século XXI coloca à escola e ao professor e que, cada vez mais, precisa desenvolver as suas competências tecnológicas para complementar e atualizar as competências pedagógicas e de conteúdo curricular já adquirido. Mas essas competências não bastam, é preciso que o professor rompa com paradigmas transmissivos, que se renove a fim de melhorar as estratégias de ensino-aprendizagem, de diversificar as suas aulas para obter melhores resultados dos alunos e ainda que adquira um melhor nível de autoconfiança, com reflexos na criação de rotinas de integração das TIC nas suas práticas.

Porém, além de mudar o discurso é preciso mudar a prática e aprender a refletir sobre a ação, é preciso quebrar esse fosso entre o discurso e a prática. É preciso tentar fazer, analisar os resultados, avaliar e reavaliar para ver o que podemos continuar a fazer e o que devemos mudar. Freire (1997) já dizia que só pensando criticamente a nossa ação sobre a prática de hoje ou de ontem poderemos melhorar as nossas ações amanhã. E, a propósito, citamos Choti (2013, p. 210): “como reagiria Paulo Freire diante de tantas mudanças ocorrendo nas escolas atualmente tanto a nível social [...] como por meio da utilização cada vez mais crescente das tecnologias de informação e comunicação?”

Referências

AIRES, L. **Paradigma Qualitativo e práticas de investigação educacional**. Coimbra: Universidade Aberta, 2011.

AMANTE, L. As TIC na Escola e no Jardim de Infância: motivos e factores para a sua integração. **Sísifo. Revista de Ciências da Educação**, n.3, p.51-64, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRAVO, M. P. **Investigación Educativa**. 3.ed. Sevilha: Ediciones Alfar, 1989.

BRITO, C., Duarte, J., & Baía, M. **As Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação Contínua de Professores**: uma nova leitura da realidade. Lisboa: GIASE – Ministério da Educação, 2004.

CASTELLS, M. **Comunicación y poder**. 2.ed. Madrid: Alianza Editorial, 2010.

CHOTI, D. Traçando novos caminhos por meio das tecnologias de informação e comunicação norteadas pelo legado de Paulo Freire. In R. & BARROS, **Abrindo caminhos para uma educação transformadora**. Lisboa: Chiado, 2013, p.207-235.

COSTA, F.A. **Desenvolvimento curricular e TIC**: Do déficit tecnológico ao déficit metodológico, 2012. Obtido em 6 de 9 de 2013, de aprendercom.org/miragens: Disponível em: <<http://aprendercom.org/miragens/wp-content/uploads/2012/10/2012COSTAFDeficitTecMetAfirse1.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

COUTINHO, C. M. **Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas**: Teoria e Prática. Coimbra, Portugal: Almedina, 2011.

DIAS, P. Comunidades de Conhecimento e Aprendizagem Colaborativa. **Seminário de Redes de Aprendizagem**. Lisboa: Redes de Conhecimento, Conselho Nacional de Educação, 2001.

DIAS, P. Da e-moderação à mediação colaborativa nas comunidades de aprendizagens, v.1(1), 2008. **Educação, Formação & Teconologias**. Disponível em: <<http://eft.educom.pt>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

EDUCAÇÃO, M. d. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. **Diário da República** (2ª série – n.135), 31259, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIBBS, G. **Análise de dados Qualitativos**. (R. C. Costa, Trad.) Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, G. R., Flores, J., & Jimènes, E. **Metodologia de la Investigacion Cualitativa**. Malaga: Ediciones Aljibe, 1996.

GUSKEY, T. R. Professional Development and Teacher Change. **Teachers and Teaching: Theory and practice**, 2002, p.381-391.

KIRKPATRICK, D. **O Efeito Facebook** (Babel ed.). Lisboa: Arcádia, 2011.

KOZMA, R. B. Technology and classroom practices: An international study. **Journal of Research on Technology in Education** , n.36, 2003, p.1-14.

KRIPPENDORFF, K. **Content Analysis: Introduction to its Methodology**, v.5. Newbury Park: SAGE Publications, 1980.